

Seleção de Bolsista de Iniciação Científica
CNPq – 1 vaga

Projeto

“As memórias sobreviventes do Campo de
Concentração do Tarrafal”

Coordenação: Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco

Inscrições até 12 de julho de 2024

Interessados devem enviar uma carta de interesse de
duas páginas e o histórico acadêmico para o e-mail
robertagf@uol.com.br

A seleção consistirá na análise da carta de intenção e do
histórico e na realização de uma entrevista no dia 15 de
julho de 2024, em horário a ser agendado pela profa.
Roberta Franco via e-mail.

Vigência do projeto: 01/09/2024 a 31/08/2025

“As memórias sobreviventes do Campo de Concentração do Tarrafal”

Esta proposta vincula-se ao projeto de pesquisa financiado pelo CNPq “A Longa Duração do Pós-25 De Abril: Testemunho, Pós-Memória e Pós-Migração na Narrativa Portuguesa Contemporânea”, que tem como foco as narrativas contemporâneas portuguesas em torno do marco temporal dos 50 anos da Revolução dos Cravos, comemorado em abril de 2024. A Revolução, que deu fim aos 48 anos de um regime totalitário em Portugal, abriu caminho para uma série de narrativas de caráter testemunhal, de âmbito individual e coletivo, acerca do que foram os anos de silenciamento, repressão e manutenção de um imaginário nacionalista/imperialista/colonialista, base para uma ideia de identidade portuguesa a ser defendida. No ano de comemoração dos 50 anos da Revolução, e consequente redemocratização, é possível perceber um novo momento de “boom editorial” em torno das mais variadas temáticas sobre o Estado Novo português, sobre os órgãos de repressão, sobre a Revolução em si etc. No entanto, existem também silêncios que permanecem na sociedade portuguesa, apesar da existência de uma produção testemunhal logo após o 25 de abril de 1974, como é o caso de narrativas produzidas por prisioneiros do Campo de Concentração do Tarrafal. “Colônia Penal de Cabo Verde”, “Campo de trabalho do Chão Bom”, “Campo de Concentração do Tarrafal”, “Campo da morte lenta”, ou simplesmente “Tarrafal”, muitos são os nomes pelos quais é conhecido o complexo prisional construído pelo Estado Novo português na Ilha de Santiago, em Cabo Verde. As atividades do Campo começaram em 1936 e por quase 20 anos, até 1954, estavam destinadas a presos políticos, opositores portugueses ao governo salazarista. A partir de 1961, com o início da guerra de independência em Angola e a existência de movimentos libertários nas outras colônias, o campo é reaberto, destinado principalmente aos considerados “terroristas”, ligados a movimentos como MPLA, UNITA, RENAMO, FRELIMO, PAIGC, entre outros. Logo após a Revolução dos Cravos, as atividades do campo foram encerradas e as crueldades ali cometidas viriam a público, de forma lenta, a partir de testemunhos organizados em livros ou obras autobiográficas, como as publicadas em um primeiro momento, a exemplo de “*Tarrafal, Pântano da Morte*” (1974), de *Candido de Oliveira*, “Memórias de um prisioneiro do Tarrafal” (1975), de *Correia Pires*, “Tarrafal, campo da morte lenta” (1977), de *Pedro Soares*, e a obra coletiva “Tarrafal – testemunhos” (1978), coordenada por *Franco de Sousa*. Nesse sentido, objetiva-se analisar tais publicações de forma comparada, observando seu caráter testemunhal e as percepções acerca da vida prisional no Campo de Concentração do Tarrafal, como política de morte lenta do Estado Novo português.